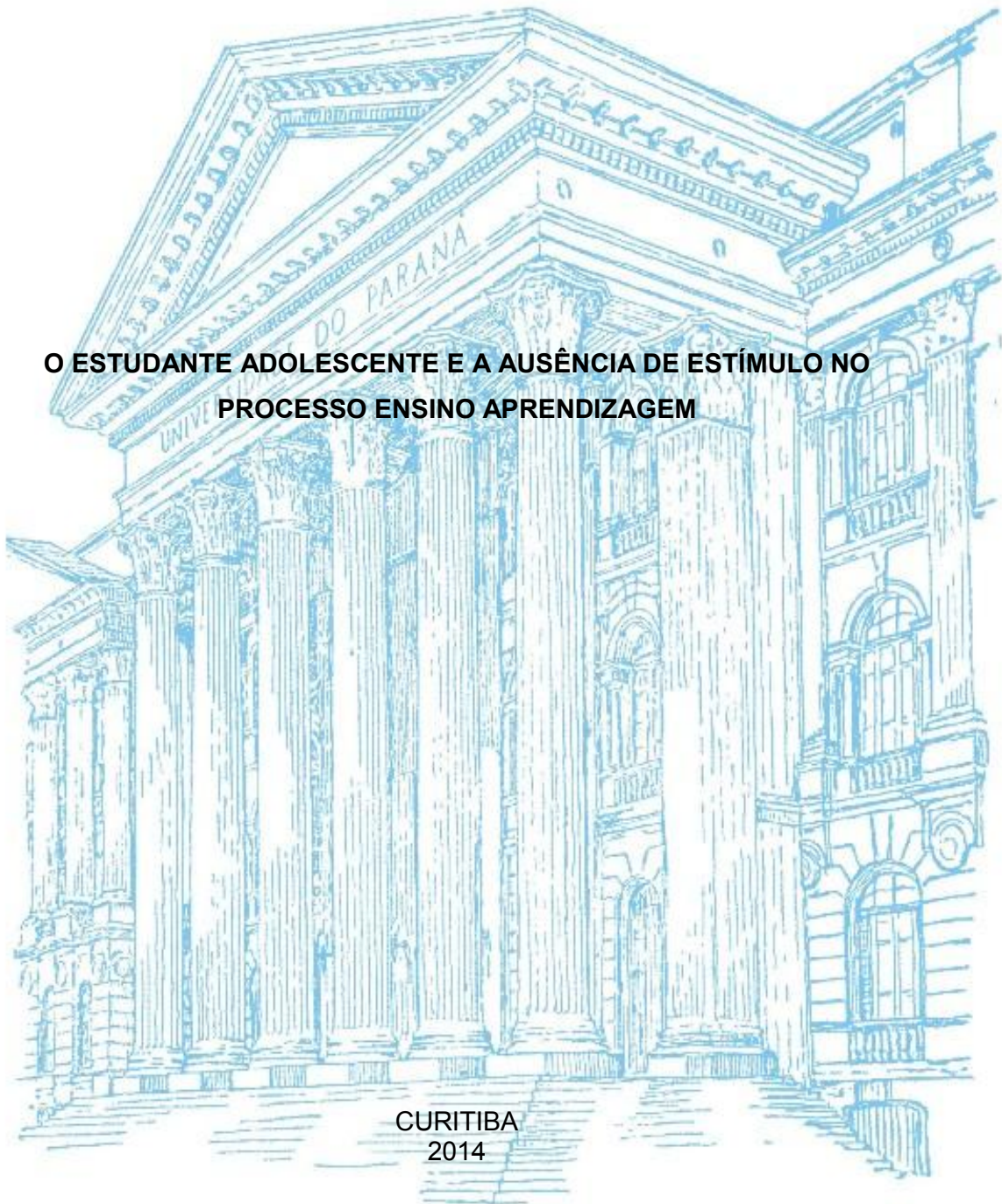


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELAINE DA ROCHA TORRES

**O ESTUDANTE ADOLESCENTE E A AUSÊNCIA DE ESTÍMULO NO  
PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**



CURITIBA  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELAINE DA ROCHA TORRES



**O ESTUDANTE ADOLESCENTE E A AUSÊNCIA DE ESTÍMULO NO  
PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Ida Hammerschmitt

CURITIBA  
2014

# O ESTUDANTE ADOLESCENTE E A AUSÊNCIA DE ESTÍMULO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

ELAINE DA ROCHA TORRES\*

## RESUMO

Diante da complexidade do mundo contemporâneo, é importante entender os mecanismos sobre como se pode motivar o aluno a aprender, bem como saber como a escola lida com o fato de que está muito fácil se obter informações, de forma dinâmica. Hoje o professor como transmissor de conhecimentos está superado, o papel dele deve, neste contexto atual, ser ressignificado. Mas de que forma? Alguns autores pesquisados revelam que o professor hoje precisa trabalhar com o conhecimento regando suas práticas de afetividade para que os alunos, com esse vínculo de afeto se sintam motivados a aprender. Aspecto importante a destacar é que o ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário que o coordenador pedagógico conheça como o professor ensina e que o auxilie a entender como o aluno aprende, só assim o processo educativo poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender ampliando suas formas de pensar, sentir e agir. Nesse sentido, é notório que não há aprendizagem sem motivação e contribuir com as reflexões sobre como ocorre esse processo é objetivo deste artigo. Como estimular os alunos adolescente para que ocorra a aprendizagem deve ser o centro das atenções de um processo educacional voltado a uma formação humana cidadã.

**Palavras-chaves:** Professor transmissor; Afetividade; Motivar.

---

\*Artigo produzido pela aluna Elaine da Rocha Torres, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Ida Hammerschmitt. E-mail: elaine\_rocha1974@hotmail.com

## 1 – INTRODUÇÃO

O estímulo dos alunos adolescente, para que ocorra, a aprendizagem é o centro das atenções do processo educacional. A aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático que depende do despertar das potencialidades do educando, por esforço pessoal ou com a ajuda do educador.

O final do século XX e início do XXI , caracterizou-se por grandes mudanças, em praticamente todos os setores da vida humana, essas transformações são fatos marcantes, dentre os quais: a globalização dos mercados, o desgaste dos valores e tradições nacionais em prol da crescente ambição monopolista de países ditos desenvolvidos. Pode-se acrescentar ainda, o individualismo e o ufanismo que prevalecem sobre a solidariedade. Em meio a essa diversidade de inovações, desconsidera-se com freqüência a educação e a mesma não deve estar à margem, mas inserida no processo, adequando-se às novas necessidades. Essas questões são reais, e como tais, devem ser questionadas e analisadas.

Libâneo (2001) diante essa situação afirma ser importante o papel da escola, estabelecendo que:

Diante dessas exigências, a escola precisa oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade, de modo que os alunos que passem por ela ganhem melhores e mais efetivas condições de exercício da liberdade política e intelectual. É este o desafio que se põe à educação escolar neste final de século (LIBÂNEO, 2001, p 5).

Até pouco tempo, a grande questão escolar era somente a aprendizagem de conteúdos, acreditava-se que conhecer era acumular conhecimentos. Atualmente, amplia-se esta questão na dimensão de interpretar e selecionar informações na busca de soluções de problemas ou daquilo que constitui-se foco do aprender.

Nesse sentido amplia-se o desafio para o educador em coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Neste contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem.

Quando nos aprofundamos sobre o assunto motivação, faz-se necessário definir o termo tratado. Motivação ou motivo entende-se ser tudo aquilo que faz

uma pessoa a querer sair de sua zona de conforto para descobrir algo que fará diferença em sua vida. Ela pode ser entendida como um fator psicológico ou como um processo. Atualmente a palavra motivação esta declinada a uma nova conotação, principalmente no que se refere às metas pessoais.

O estímulo para a aprendizagem tornou-se um problema de ponta em educação, a sua ausência representa queda de qualidade na aprendizagem. Os estudos realizados sobre o tema, dentre eles, (Boruchovitch e Bzneck, 2001), enfocam os aspectos cognitivistas, a motivação intrínseca, extrínseca, o uso de recompensas e as metas de realização, são tidos como fatores preponderantes para o conhecimento sobre motivação. Questões como organização da escola e da sala de aula são, também, agentes motivadores. Existem ainda, as questões da inteligência, da crença na auto-eficácia, a ansiedade e a satisfação escolar. O esforço pessoal, principal indicador de motivação, só é utilizado se o aluno acreditar na capacidade do êxito.

Nessa direção, o impacto da globalização econômica, das radicais transformações tecnológicas e organizacionais do mundo do trabalho, e o preço social das políticas de reestruturação produtiva gera circunstâncias novas e terríveis para esses jovens, o que exige que haja uma motivação no sentido da superação do novo, do desconhecido. É preciso, diante desse quadro, encontrar soluções e recursos novos e aplicá-los. A escola, apesar de sua inadequação ao que há de específico na condição desses jovens, continua a ser um espaço peculiar de socialização para aqueles que nela conseguem permanecer por mais tempo

Acredita-se ser este um dos grandes desafios da atualidade a que os educadores devem se propor a averiguar as razões da ausência da motivação do aluno para a aprendizagem, analisar, e buscar estratégias eficazes que ajudem a reverter esse quadro. Várias escolas já oferecem um ensino contextualizado, objetivando a formação de indivíduos conscientes, autônomos, dotados de referenciais para realizar opções, capazes de construir conhecimentos, de fazer julgamentos e opções políticas. No entanto, mesmo assim, o aluno não se sente motivado.

Existe algo mais a ser desvendado, uma percepção nos vem à mente, é a de que vivemos em uma sociedade, onde as mudanças estão presentes em todos os setores e a educação não está preparada para este avanço tão intenso. Este é

o objetivo deste trabalho, aprofundar reflexões de forma a elucidar respostas, para a falta de motivação dos alunos no processo de aprendizagem escolar.

Sendo assim no processo de revisão de literatura aborda-se inicialmente a educação e o desenvolvimento humano.

Será abordado também o fenômeno da distância, que parece cada vez maior, entre os jovens e seus saberes, portanto sua forma de aprender e de valorizar a informação e o conhecimento que ficou um tanto prejudicado com os avanços tecnológicos que as escolas não conseguem seguir e se adequar.

Ainda veremos a importância familiar em motivar seus jovens, e trabalhar em conjunto com a escola em um processo que encurte a distância cultural que existe entre os mais velhos, por ter vivido em outro tempo, com esse resgate os jovens terão muito que descobrir e criar seus próprios conceitos.

Tem-se também o desafio do educador em transmitir o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem e enfrentar a ausência da motivação dos alunos.

O presente trabalho busca estabelecer uma reflexão sobre a falta de motivação relacionada ao processo de ensino e aprendizagem, e neste sentido também se fará também uma reflexão sobre a avaliação escolar, destacando sua evolução ao longo dos tempos, o fator nota na avaliação, os princípios básicos e finalidades da avaliação, bem como as suas funções no processo de ensino e aprendizagem

Desta forma pergunta-se: que educação esta sendo oferecida para os jovens atualmente? Que escola é preciso para dar sentido aos saberes necessários para a inserção desses jovens na sociedade afim de que eles sejam cidadãos comprometidos com o seu tempo? Que relação o adolescente estabelece com o saber na escola? Essas e outras indagações são pontos de partida.

## **2 - REVISÃO DE LITERATURA**

A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica. É realizado estudo teórico com enfoque na busca de respostas à falta de estímulo do aluno adolescente no processo ensino aprendizagem. Nas escolas Municipais e estaduais de Paranaguá, em que se atua como coordenadora pedagógica, surgiu

esta necessidade afim de, se compreender as dificuldades e necessidades encontradas na escola.

Busca-se ainda, assuntos abordados por alguns autores que revelam que a juventude não sabe hoje o real significado dos conteúdos, ou seja, de que esses conteúdo irão ser necessários em algum momento na construção de sua vida ou carreira. Há também a consideração de que o importante mesmo para a vida, é o que se aprende fora da escola.

## **2.1 A educação e o desenvolvimento humano**

A família e escola na sociedade atual constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano.

A Educação Escolar tem na educação Infantil a primeira etapa da educação básica, tem essa grande responsabilidade, por ter em suas mãos, o compromisso de levar a criança pequena a iniciar os primeiros contatos com experiências culturais. Porém, ainda são poucas as famílias que vêem a Educação Infantil como uma etapa importante para o desenvolvimento humano.

A relação família e escola deve ser um conjunto, entendendo a grande importância desses dois ambientes para o desenvolvimento humano, para que ambos reconheçam suas peculiares e similaridades, para que assim o aluno tenha suas potencialidades desenvolvidas ao máximo. Na vida adulta o ambiente de socialização que se iniciou em ambiente escolar, vai se ampliando, mas retorna com formação de novas famílias que tem seus filhos na escola voltando a esse entorno. Somos sempre levados a participar de processos de formação que envolvem família e escola, dois espaços que motivam a formação humana.

Os fatores da aprendizagem devem ser mutuamente envolvidos, mas podem ser separadamente analisados. Fazem parte de um todo que depende, quer na sua natureza, quer na sua qualidade, de uma série de condições internas e externas ao sujeito.

A motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, seus professores e colegas. Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de

apropriar-se do conhecimento. Pode-se afirmar que a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação. Assim, para aprender é imprescindível “poder” fazê-lo, o que faz referência às capacidades, aos conhecimentos, às estratégias e às destrezas necessárias, para isso é necessário “querer” fazê-lo, ter a disposição, a intenção e a motivação suficientes. Para ter bons resultados acadêmicos, os alunos necessitam se colocar tanto com vontade como habilidade, o que conduz à necessidade de integrar tanto os aspectos cognitivos como os motivacionais.

## **2.2 A importância da família no processo**

O ambiente de socialização da maioria das pessoas com mais de 40 anos, além da família, da escola e sua comunidade, era veiculado pelos rádios, jornais, cinema e televisão, etc. e acreditava-se ainda que os mais velhos é que sabiam mais, por isso era que deveria ensinar as crianças, hoje com a era digital vemos que os mais novos ensinaram os mais velhos, então se vê que não há quem seja o mais importante nessa relação ensino aprendizagem, o correto que se tem é uma troca de experiência entre, família/aluno/escola/tecnologia/avanço e história.

Entre pais e filhos, assim como entre alunos docentes, sempre existiu certa distância. Cada geração desenvolve-se em momentos históricos, sociais, tecnológicos diferentes. Para as crianças é algo natural mas são situações novas para seus pais. Algo que é difícil de aprender e entender, entre a estrutura pessoal do adolescente e seus pais, é seu ambiente afetivo, a condição interna e qual a sua posição nessa relação de saberes e poderes.

Prestar atenção ao que nos dizem os jovens significa nos mostrarmos receptivos às novas maneiras de estar no mundo desses meninos e meninas a quem nem sempre compreendemos (CONTRERAS, 2010, p.21).

Muitas vezes os adolescentes vêem os mais velhos como alguém com conhecimentos ultrapassados, ou pessoas que não sabem das coisas, porém é com os mais velhos que eles vão ter histórias para contar e assim construir seus



conhecimentos com base de quem já viveu certas situações e pode passar essas experiências.

A juventude sempre está a par das novidades ou o que está por vir, como também sua resposta para que nós da geração precedente, estamos deixando-lhe como herança. No entanto, a reação das gerações adultas diante das que sucedem parece que é mais de criticar do que escutar o que ele tem para falar ou mostrar

### **2.3 O aluno como invenção**

A partir da industrialização, a categoria de sujeito escolar passa a ter uma grande relevância ao ir se institucionalizando a vida de uma infância liberada do trabalho e das penúrias, ao mesmo tempo em que se vai sendo acolhida no clima afetuoso de algumas relações familiares prazerosas. No entanto, em princípio, crianças e adolescentes das classes mais baixas foram escolarizados mais por razões morais e de um controle social do que por qualquer outra. Trata-se de um fenômeno possível graças ao progressivo desenvolvimento econômico que, cada vez mais, atinge amplas camadas da população.

É estranho imaginar um mundo que não seja da forma em que a escolaridade seja um fato natural na paisagem social de nossas formas de vida este é um rito na vida dos indivíduos.

Por isso não se deve estranhar que os alunos de hoje são diferentes já que toda geração provavelmente sentiu essa estranha realidade elementar. Se a infância e a juventude são conceitos mutáveis. Como a base cultural que podemos denominar como educá-los vem do conjunto de saberes, representações, valores e atitudes que temos e sustentamos. Em toda a sociedade existe esse traço que é mutável no tempo que se manifesta com peculiaridades e contradições internas e externas.

O mundo não desaba, então, quando sentimos que os comportamentos dos alunos não são os esperados, mas estão mudando. Os padrões culturais que reinam em nossas formas adultas de nos relacionarmos e de vivermos com as crianças e os adolescentes e de educá-los, as idéias e os valores que guiam nossas relações são o resultado de linhas evolutivas que se cruzam na história da

sociedade e da cultura. Os laços que estabelecemos com eles refletem também, de algum modo, toda a complexidade das relações históricas em que vivemos e dos padrões culturais que compõem essa cultura sobre a educação, a qual evolui.

Após uma longa história, aprendemos coletivamente a tratar e educar as crianças e os jovens, uma aprendizagem coletiva que ficou retratada em padrões e comportamento dos adultos em relação a eles, no *status* que outorgamos a eles, no que esperamos deles, nas relações efetivas que estabelecemos, nos estilos de dirigi-los, em normas sociais e jurídicas, na criação de instituição que os acolhem.

Assim, presumo que a idéia de infância, a de criança e adolescente ou a de aluno são criações, radicadas em realidades culturais, discursivas e práticas a partir das quais dotamos de significado tais categorias. Essas concepções e relações, que parecem espontâneas em cada contexto sociocultural, embora tenham a aparência de ser algo dado, são historicamente fruto de acumulações de idéias, valores ou expectativas que se aperfeiçoam e adquirem uma forma característica persistente.

A escola tal como a conhecemos, os modelos educacionais nela desenvolvidos e as concepções correspondentes sobre o aluno são o resultado final da evolução das relações entre como se concebeu a infância e como se começou a educar as minorias dirigentes, os clérigos, os filhos da burguesia e os indivíduos das classes populares (VARELA e ÀLVAREZ-URÍA,1991,p.16).

Cada um é aluno de forma bem diferente e com distintas projeções em função da qualidade da experiência que tiver. Se o fato de estar escolarizado é uma vivência que marca o caráter, a condição social daqueles que estão nas salas de aula, a aceitação no mundo de seu futuro, é preciso admitir que é uma experiência que nem todos tiveram, nem a têm em igualdade de condições, durante o mesmo tempo e na mesma especialidade.

Como se diz que viajar e conhecer outras culturas permite conhecer melhor a própria cultura, escutar outro relato, outra história, outra juventude ajuda à compreender melhor algo de sua própria história.

Contudo a vida é também algo que vai se compondo. Essa troca de experiência serve de referência para imaginar e poder dar sentido ao que nos

contam os jovens. No entanto, essa referência pode agir como imposição de nossas perspectivas, circunstâncias de época, lugar, tempo e condições sócio-pessoais. Uma história, quando se ouve sempre conta uma nova história, diz algo novo e vira um novo relato, uma nova narração. Escrever um relato acerca de algumas circunstâncias ou episódios da vida de uma pessoa é um exercício de composição. Com mais evidência, em jovens em movimento, em crescimento, que vivem momentos em que estão, tomando decisões, tateando trajetórias e caminhos, procurando entender sua relação com a vida que levam, a vida que se abre a eles e a vida que querem.

## **2.4 O professor como agente motivador**

O professor deve motivar-se a si mesmo para se conectar com esse crescimento permanente e facilitar sua aceitação em classe por parte de seus alunos. Sabendo-se que o homem é um ser auto-realizador por natureza e, por conseguinte, em aprendizagem e crescimento contínuos. Assim, a empatia e a aceitação mútua devem formar a base de uma relação aberta, tolerante e compreensiva entre professor e aluno.

A baixa auto-estima do professor interfere no comportamento dos alunos. O professor com segurança, autoconceito elevado, integração, motivação e competência, não tem, em geral, problemas de disciplina.

Os sentimentos e emoções são próprios de cada pessoa, e correspondem ao grau de desenvolvimento individual e ao meio em que cada um foi criado e ao ambiente em que vive. Parte do trabalho para a consecução de relações efetivas em sala de aula consiste em aceitar essa realidade sem juízos limitantes, frustrações, irritação, medos, ressentimentos, culpa, etc. A relação professor/aluno deve, e pode ser uma relação de colaboração e apoio mútuo para o desenvolvimento de cada um. Precisa basear-se no respeito, dignidade, integridade, capacidade, abertura, amor e compaixão.

A projeção que o professor envia de si mesmo à classe é recebida por seus alunos, que por sua vez vão se sentindo seguros, reforçados em seu próprio autoconceito, partes integrantes do grupo, motivados a aprender e conscientes de sua capacidade de fazê-lo. Sua projeção motiva seus alunos a entrar por si mesmos em uma situação de auto-

estima e, portanto, de autodisciplina, auto-responsabilidade e auto-realização.(Voli ,1998, p.147).

É necessário que tenha uma boa abertura comunicativa, capacidade de escuta e de empatia para poder esclarecer suas próprias reações às mensagens que recebe dos alunos. O professor deve estar consciente da importância da livre expressão de sentimentos e emoções na formação da personalidade de seu aluno. O professor deve estar capacitado, por sua formação profissional e, sobretudo, por sua própria situação psíquica, a reconhecer possíveis dificuldades de exteriorização de sentimentos das crianças e jovens que chegam à sala de aula, vindas de diferentes ambientes, muitas vezes marginalizados, inclusive.

É por isso que os seres humanos são capazes de identificar (a eles mesmos e aos outros) ao contrário dos animais que apenas sabem que lhes dá comida ou carinho eles não identificam o médico, poeta ou o amante. Identificar é a capacidade de ver além daquilo que os olhos olham, de escutar além daquilo que os ouvidos ouvem, de sentir além daquilo que toca a pele, e de pensar além do significado das palavras.

Se acredita, que os professores podem encontrar alternativas para os problemas que os afligem no dia-a-dia da sala de aula, por meio do desenvolvimento de seus potenciais criativos, pela exploração da sensibilidade e expressividade.

Não há nada de errado em irritar-se, ressentir-se, frustrar-se com situações ocorridas em classe e na vida em geral. É preciso permitir-se a valorizar suas próprias emoções. A expressão de sentimentos não tem por que se manifestar de forma explosiva. O importante é reconhecer que existem e é natural que existam, e agir para solucionar os conflitos que estão na base dessas emoções. Para isso o professor deve estar consciente de sua própria maneira de ser, agir e relacionar-se, assim como do meio e espaço familiar de onde ele próprio provém.

Reconhecer, aceitar e valorizar os próprios sentimentos e emoções é parte do trabalho de amadurecimento pessoal do professorado, permitindo-lhe, também, fazer o mesmo com seus alunos.

É preciso sim experimentar compreender o ato de aprender, como funciona o pensamento do aprendiz, em cada fase de seu desenvolvimento. A ausência de conhecimento teórico, ou forma inadequada que esses conhecimentos são lidos, passado para os professores, é uma questão a ser discutida, pois cabe a ele

saber se essas teorias são parte da escola, se não são, a sua procedência e seu respaldo científico devem ser verificados, daí a necessidade de formação continuada.

Outro aspecto a ser considerado é que o professor não gerencia conhecimento, ele repassa informações, que cada aluno aproveita

O papel do professor estaria, então, em manter o aluno curioso. É fundamental, motivar o aluno, mantê-lo interessado, pois ninguém transfere conhecimento, transferem-se dados e informações. A gestão do conhecimento é individual, é própria. (POLETTI, 2002, p. 22-23).

Nos debates educacionais formais e oficiais muitas vezes a dimensão coletiva está ausente e falta o espaço de linguagem para que o professor se manifeste. Acreditamos que em uma conversa de professor para professor surjam informações que apontem caminhos para a melhoria no relacionamento entre professor/aluno e a conseqüente melhoria da atuação profissional.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (...) o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores, que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (Freire, 1996, p. 43).

Ao estimular o aluno, o educador desafia-o sempre, para ele, aprendizagem é também motivação, onde os motivos provocam o interesse para aquilo que vai ser aprendido. O professor deve descobrir estratégias e recursos para fazer com que o aluno, queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender.

É fundamental que o aluno domine alguma competência. O desejo de realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, captando a atenção do aluno e o motivando sempre a buscar o domínio dos seus conhecimentos.

## **2.5 O educando como interlocutor**

O professor tem que ser menos professor de informação e mais professor do saber. Mais tem que ter um cuidado enorme com a informatização, apesar de ter dito antes que o acesso a informação esta muito mais fácil, ainda nos dias de hoje e principalmente em escolas públicas onde parece que há a ausência da motivação entre os adolescentes, há muitos estudantes que não tem acesso a computadores em casa, nem todos são especialistas na internet e nem sempre entram na internet para aprender. E quem tem esse acesso, só sabe fazer contato com os colegas ou jogar. É a partir daí que o professor deve organizar e orientar a procura e a análise de informação para aprender. Poder ir além, abrir novas redes de comunicação, como fazem alguns docentes, organizar grupos de estudantes. A questão é a do sentido da escola na escola. Na internet, se busca respostas, mas qual é a pergunta? Conforme esclarecer (CHARLOT, 2001), o conhecimento é sempre resposta a uma pergunta. Quando não há uma pergunta antes do que se ensina, o aluno não vê sentido, ele memoriza, decora, faz a prova e esquece rapidamente. É preciso fazer um trabalho de questionamento do mundo, inclusive para mudar a maneira de o estudante utilizar a internet, para que ele tenha dúvidas e questionamento a serem respondido. Também não é possível esperar apenas a pergunta dos alunos, pois assim não vamos longe. O professor de informações está historicamente morto. Nenhum docente pode entrar em concorrência com o Google. ( CHARLOT, 2001).

Nesse segmento da nossa juventude, as ações de protagonista juvenil são mais que necessárias. Esses alunos adolescentes, mais do que como parte dos problemas, devem ser vistos como parte das soluções. Elas representam uma forma construtiva de socialização e uma oportunidade real, para se, desenvolver seu potencial como pessoas, futuros profissionais e cidadãos.

Não se trata de assumir uma atitude de imersão passiva no seu fluxo aparentemente avassalador. Importa, antes de tudo, distanciarmos criticamente do seu leito, para, numa relação onde o educando é um interlocutor e um parceiro ativo e crítico, levá-lo a julgar e discernir, principalmente através de práticas e vivências, entre os valores que merecem ser incorporados em sua pessoa e aqueles que comprometem sua formação e o desviam de seu projeto como ser humano, como profissional e futuro cidadão.

Assim, diante da pós-modernidade implícita no comportamento de nossos educadores, devemos nos recordar que, mais do que nunca, como educadores, somos chamados, a abrimo-nos às solicitações e aos desafios do mundo que nos rodeia, a começar por aquilo que está ao alcance das mãos, ou seja, pelo nosso entorno familiar, escolar e comunitário.

Conhecer nossos alunos, saber sua origem, conhecer sua família sua estrutura familiar e condição sócio-cultural, não é apenas curiosidade banal, é uma curiosidade que ajuda muito a construir estratégias para alcançar o objetivo principal que busca o educando, que é o aluno motivado a aprender.

Nesse sentido, participar para o adolescente é envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando, por meio de seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver-se, no seu potencial criativo e a sua força transformadora.

O adolescente deve ser visto pelo educador não como uma ameaça à autoridade dos adultos ou à ordem imperante na instituição escolar, mas como parte real da solução de seus impasses e dificuldades.

O professor deve utilizar as estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos, utilizando para tal método, adequados e um currículo bem estruturado, não esquecendo, do papel fundamental que a motivação apresenta neste processo. As técnicas de incentivo que buscam os motivos para o aluno se tornar motivado, proporcionam uma aula mais efetiva por parte do docente, pois ensinar está relacionado à comunicação. E não se deve esquecer que ainda se aprendem assuntos fundamentais sem internet, nos livros ou com experiências. A internet é um instrumento apenas, o importante é o caminho, o despertar com questionamentos, que são respostas e, assim, produzir sentido acerca do mundo e da vida.

É importante refletir sobre o que é importante. A maior parte dos conteúdos que a escola ensina principalmente aos alunos adolescentes, são assuntos importantes, porém sem utilidade. Basta ver que, após sair da escola raramente se terá a oportunidade de resolver uma equação por exemplo. Então, deve-se refletir sobre o que é importante ensinar para os jovens no século XXI. O importante para entender o mundo, a vida, os outros ou a si mesmos.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero que a ausência da motivação dos adolescentes é o grande desafio para todos os envolvidos neste âmbito de aprendizagem. Analisar e buscar estratégias eficazes que reverta esse quadro é o que busca essa pesquisa.

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

Algumas escolas busca oferecer um ensino objetivando a formação de indivíduos conscientes, autônomos, dotados de referenciais, capazes de construir conhecimentos, de fazer julgamentos, mas que mesmos assim não sente o aluno motivado.

São os conhecimentos que o aluno já possui que influenciam o comportamento do aluno em cada momento, uma vez que disponibiliza os recursos para a aptidão. A estrutura cognitiva do aluno tem que ser levada em conta no processo de aprendizagem. Os conhecimentos que o aluno apresenta e que correspondem a um percurso de aprendizagem contínua, são fundamentais, na aprendizagem de novos conhecimentos. É necessário refletir sobre o que é o conhecimento e perceber que é algo de complexo que deve ser entendido como um processo de construção e não como um espelho que reflete a realidade exterior.

Ser aluno é circunstância da infância, uma maneira de vivê-la em determinada sociedade. Dispor dessa condição não é algo padronizado, posto que todas as crianças que estão escolarizadas, nem sempre recebem uma escolarização qualitativa ou adequada aos avanços tecnológicos de hoje. Como os padrões de relações familiares e escolares são variados, cada sujeito vive a condição de ser filho e aluno de modo peculiar, cada criança vive contextualizada em uma rede de relação singular que dá sentido real à sua infância.

Como foi mencionado, vive-se em uma sociedade que é abarrotada a cada momento de inúmeras informações, constatamos que precisamos estar mais bem preparados para lidar com o excesso de informações. Neste contexto (PERRENOUD, 2000) enfoca a questão da competência do professor em relação à formação profissional, ele afirma que é imprescindível saber para ensinar bem



numa sociedade em que o conhecimento está cada vez mais acessível, e apresenta dez habilidades necessárias ao professor. Dentre elas: organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, trabalhar com formação de equipe e utilizar novas tecnologias.

Considera-se que não existe recompensa maior ao professor que identificar o aprendizado de um aluno junto ao seu sorriso de descoberta e satisfação. Mas para que estes sorrisos se multipliquem e possamos realizar mudanças sociais, mesmo que pequenas, precisamos da cooperação entre pais e professores. Desenvolvimento tecnológico, informática, evolução e progresso, sim, porém respeito e educação são necessários numa sociedade que preze por convívio agradável e digno a todos. Estaremos assim, formando cidadãos conscientes e ativos em sua história de vida e na comunidade em geral.

Cada pessoa aprende a seu modo, estilo e ritmo. É necessário refletir que cada indivíduo apresenta um conjunto de estratégias cognitivas que mobilizam o processo de aprendizagem. O conhecimento pode ainda ser aprendido como um processo ou como um produto. Quando nos referimos a uma acumulação de teorias, idéias e conceitos o conhecimento surge como um produto resultante dessas aprendizagens, mas como todo produto é indissociável de um processo, podemos então olhar o conhecimento como uma atividade intelectual através da qual é feita a apreensão de algo exterior ao indivíduo.

Considera-se ainda que a aprendizagem é foco do processo ensino-aprendizagem, cuja síntese constitui o processo educativo. Tal processo compreende todos os comportamentos dedicados à transmissão da cultura, através da escola ou secundariamente a família são os responsáveis para promover a educação.

Motivar os adolescentes, a querer aprender, criar, construir, descobrir algo novo, com as experiências de vivência encontradas em casa com a família e na escola com os professores, buscar ter essa relação afetiva, pois sempre algo novo para se descobrir.

O ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário que o coordenador pedagógico conheça como o professor ensina e que o auxilie a entender como o aluno aprende, só assim o processo educativo poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender a pensar, a sentir e a agir. Não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente

necessidade de aprender o que está sendo tratado. Por meio dessa necessidade, o aluno se dedica às tarefas inerentes até se sentir satisfeito.

Este trabalho abriu possibilidades para novos estudos sobre a Importância da Motivação do Professor na Aprendizagem, já que esse tema é fundamental na função de um coordenador pedagógico cujo objetivo é criar estratégia ou caminhos para que o professor saiba e consiga ensinar, o que implica a motivação dos alunos adolescentes. O estudo em questão promoveu reflexões sobre as práticas dos educadores e contribui assim à mudança de práticas educativas mais estimulantes.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORUCHOVITCH, Evely e BZUNECK, Jose Aloyseo (orgs). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.**\_1. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHARLOT, Bernard, **A relação dos jovens com o saber.**\_ Revista Pátio, vol. 18, Porto Alegre RS. 2013.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** vol.17, n.36, pp. 21-32. Paidéia Ribeirão Preto. 2007.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Adeus professor, adeus professora.**\_n.5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar, **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez: Brasília/DF: Unesco, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre RS, Atmed, 2000.

POLETTI, André. **O professor e a gestão do conhecimento. Profissão mestre**, São Paulo, 2002.

SACRISTÁN, José Gimeno, **A relação dos jovens com o saber**. Revista Pátio, vol. 18, Porto Alegre RS. 2013.

VARELA, J.; ALVAREZ-URÍA, F. **Arqueologia de La escuela**. Madrid: La Piqueta, 1991.

VOLI, Franco. **A auto-estima do professor: manual de reflexão e ação educativa**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.